

As Arvores na Poesia

Minhas senhoras, meus senhores.

Não sei se já existiam na terra os poetas, quando ahi appareceram as primeiras arvores; se vieram elles depois; se brotaram d'ellas, ou com ellas nasceram. O que eu sei, e vos posso dizer, é que as arvores têm fornecido aos poetas uma rica e perenne materia de motivos emocionaes; que ellas são encontradas, desde o alvorecer pre-historico dos povos, nos cantos que lhes celebram os ritos e os costumes; ellas são assim um dos elementos mais preciosos do "folk-lore" universal. A poesia, onde se cantem os suggestivos themas da arvore, pode-se dizer que remonta mesmo á epoca legendaria da criação do homem, o primeiro homem tendo sido naturalmente o primeiro poeta. "Homo nascitur poeta", é o aphorismo agora empregado em substituição

á velha sentença — “poeta nascitur”. Segundo Moysés, foi no seio ainda virgem do arvoredo que Adão procurou esconder a sua nudez, fugindo á punição do Senhor. O fructo de certa arvore do Paraiso havia-lhe dado a chave de toda a sciencia.

A arvore aqui é um symbolo: — e não são os symbolos a lingua natural dos mysterios? Mas um symbolo cheio de lyrismo. Um symbolo de cosmogonia poetica.

Uma tradição muito antiga, a que Juvenal faz referencia em sua satyra 6.ª, dá os homens como tendo nascido das arvores.

“Quippe aliter tunc orbe novo coeloque recenti
Vivebunt homines, qui rupto robore nati...”

Em Homero, já Penelope interroga ao seu hospede: “Quem és tu, estrangeiro? Dize-me qual a tua raça e a tua patria, porque tu não saiste do carvalho e do rochedo de que falam os antigos contos”.

Lendas outras attribuem, ao contrario, a origem das arvores á metamorphoses: na fabula grega, a nympha Daphne é transformada em loureiro; na Russia, attrahido ao campo por uma fada amorosa, um joven se converte em centaurea; no sitio em que foram mortas duas lindas moças, rebentam duas arvores de folhas rubras, é a lenda australiana; e em a nossa lenda amazonica, a mandioca nasce sobre a sepultura de uma donzella. Não é minha intenção vos conduzir atravez d’esse mundo de mythos, de tradições e de lendas — mun-

do vivo e creador espiritualizado pela alma das arvores em suas mil formas saturadas de poesia. Seria assaz longo, e eu teria de exceder os limites da minha palestra. Todavia, quão interessante! A lenda hungara: Jesus, perseguido pelos judeus, já fatigado, senta-se debaixo de um salgueiro, a arvore inclina-se sobre elle; os ramos não se levantam mais, e está ahí a origem do chorão. — Em certas arvores habitam almas, assim o creem alguns povos, e a alma se apodera daquelle que adormece sob os seus ramos. Uma dellas, creio eu, deve ser a arvore da mancenilha, — arvore fatal — a cuja sombra adormeceram de vez os poetas do Romantismo. Mas não é só porque ellas são morada de espiritos que as arvores são veneradas. Os naturaes da Guyana faziam offerendas ao algodoeiro selvagem, porque elle era a mais bella arvore da região. Deante do baobab os filhos da Africa occidental se reuniam antes do nascer do sol e lhe diziam, no momento de sua floração: “Bom dia, formosa dama!” — Ha arvores maravilhosas que reluzem de longe como oiro; arvores de superstição e de augurio; arvores objecto de adoração; arvores matriarchaes, como as chama Gilberto Freyre; arvores avós — symbolo da sabedoria. Arvores que vertem leite ou sangram ao serem feridas; arvores que choram nos cemiterios. — Quando vem ao mundo uma criança, planta-se uma arvore, é o costume nalguns paizes. Ao destino da arvore está ligado o da criança. Tambem a arvore de nascimento ou de nome é uma especie de totem: o pae lhe faz uma serie de entalhes para assigna-

lar a chegada do novo eleito. Não deve este, no curso de sua vida offender jámais a uma arvore pertencente á especie da sua. — Nos sertões do Nordeste brasileiro, as mães embalam os filhos em sua rede armada aos ramos de uma arvore — ordinariamente o imbuzeiro. O imbuzeiro é a arvore sagrada do sertão, diz Euclydes da Cunha; “socia fiel das rapidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros”. E’ a arvore providencial que repárte com o homem as suas reservas e lhe abre o “seio acariador e amigo” ás horas do descanso. — Em certas terras, as moças consultam as folhas das arvores para saberem se casam; as noivas, em redor d’ellas, fazem as suas danças. Em outras ainda, annuncia-se ás arvores a morte de seu dono, e até as cobrem de luto. Do nascimento á morte, as arvores estão associadas á vida dos homens. Ellas são assim um motivo poetico por excellencia; que digo eu? ellas são a poesia mesma.

Seria um tanto opportuno vos lembrar os poemas antigos e modernos, que tocam á vida rural, hoje que a poesia, um pouco desconcertada e á procura de assumptos novos, corre com prazer aos campos para pintar as scenas rusticas. Em poesia, como em pintura, a paisagem parece o genero preferido e o em que se arriscam ainda certas originalidades. Em tudo o mais, os versos são apenas tolerados, as ficções poeticas parecem já não convir ao espirito do seculo. Ninguem mais quer, mesmo em verso, senão as descrições exactas, sejam ellas vulgares, as realidades da vida, possam ser

communs. Vêde como o dominio da poesia ficou reduzido pouco a pouco a estreitos limites. A tragedia não existe mais e não faltam mesmo espiritos distinctos que, não sei porque, se regosijam com a sua morte. A comedia não quer ser senão a exacta copia da vida social, reproduzir a linguagem ordinaria da conversação, e receia faltar á verosimilhança, se os seus personagens empregam a rima. A poesia lyrica, que fez a gloria do outro seculo, se desacreditou, desde que cançou os leitores com as suas confidencias pessoaes e se esvaneceu na inanidade das impressões vagas, das idéas indecisas e das fantasias incomprehensíveis. Tambem a poesia impessoal e impassivel dos parnasianos, buscando exprimir tão somente a belleza dos contornos e das cores, marmorizou-se no culto puro da forma e da esthesia verbal, a que faltou, para animal-a, uma alma sensível. Neste esmorecimento tão visível, ou antes neste silencio da poesia contemporanea, apenas de longe em longe interrompido por alguma voz retumbante, encontram-se aqui e alli, nalguns livros novos, que não lograrão a grande fama, descripções esplendidas da natureza, sentimentos bons e justos, inspirados pela vista ou a residencia campestre, e pinturas assaz precisas da vida rustica, que fazem crer que deste lado ao menos o campo está ainda aberto á inspiração e á lingua poetica. Saint-Georges de Bouhelier exaggerara sem duvida quando escreveu que a poesia contemporanea era uma "vasta bucolica". E' verdade, entretanto, dizer que todos os poetas contemporaneos celebram, mais ou menos, a natureza. Não ha

este volume de poesias em que se não possam encontrar alguns poemas consagrados á doçura e á belleza das coisas; todos os poetas de hoje põem um pouco de "verdura" em seus livros, diz um recente critico. Realmente, a natureza volta a ter um maior logar na poesia, e a poesia nova está toda della impregnada. Desde o romantismo, não se produzia um movimento semelhante. Qual o motivo principal desse renovamento de enthusiasmo pela natureza? Um escriptor francez pretende que elle deverá ser procurado no "gout tout neuf qu'ont les poetes nouveaux de chanter la vie". Como quer que seja, virá talvez o tempo em que graças a este "novo gosto" pelos quadros da natureza, nós teremos, sob uma forma ou sob outra, não importa, o que se não encontrou ainda no Brasil, um verdadeiro poema campestre ou agrario — as nossas "georgicas", onde se achem um amor sincero dos campos, um conhecimento facil e familiar da natureza, uma sciencia tocante, n'uma palavra, alguma coisa desta solidez brilhante que torna incomparavel o poema de Virgilio. A empresa, bem o sei, era mais facil na antiguidade que em nossos dias. Nossos costumes, nossos desdens ironicos pela simplicidade não são favoraveis á composição de um igual poema; o nosso gosto litterario e a nossa lingua a isso repugnam. Com a differença, porém, que deve existir entre a poesia antiga e a poesia moderna nos assumptos campestres, porque não havemos de ter esse poema num paiz tão bem dotado pela natureza e a que não faltam seguramente nem bel-

lezas pittorescas, nem actividade agricola, e nem grandes poetas?

Os poetas antigos não eram, como os nossos, urbanitas, que, por imitação, para terem a gloria de resuscitar um genero de poesia esquecido, por terem feito atravez dos campos um passeio agradavel, se lembrassem um bello dia de celebrar a natureza. Elles viviam ao lado della, e nella; como que por ella envolvidos; elles a estudavam, sem o quererem, docemente, devagar, sem preocupação litteraria. O céu clemente dos paizes meridionaes, a simplicidade da vida primitiva, a morada em pleno campo, a lentidão mesma das viagens, favoreciam esse estudo tanto mais quanto elle era involuntario. Os mais bellos espectaculos do ceu, da terra, do mar, elles os haviam visto com os seus olhos e os não tinham lido nos livros. Os conhecimentos naturaes iam a elles antes que elles os procurassem, e aliás não chegavam ao seu espirito senão revestidos de imagens. Não mais se terá de encontrar essa iugenuidade de impressões que vae tão bem com o que se pôde chamar a infancia do mundo, "novitas florida mundi". Mas não é somente por esta maneira ingenua de ver e descrever a natureza que a poesia antiga prevalece sobre a nossa em graça e sinceridade. Respeito a isso, nós teriamos talvez de que nos resarcir, e se havemos perdido para sempre esta flor de simplicidade antiga, experimentamos em face da natureza sentimentos mais profundos, que nos inquietam mais, e cuja linguagem mysteriosa não é menos poetica. O progresso das sciencias que alargou o circulo do pensamento, que ampliou,

por assim dizer, a natureza, uma philosophia moral menos calma e mais penetrante que se compraz em ver no mundo exterior o symbolo visivel de nosso obscuro destino, o gosto do idealismo acerbo, ignorado na serena antiguidade, renovaram nos povos modernos o caracter dessa poesia. Se a arte é menos clara, a inspiração é muitas vezes mais alta e o accento vae mais adeante no coração. Esta fonte de poesia não está pois esgotada; ella se turvou um pouco atravez dos tempos, mas continua a correr, e com uma tal abundancia que não se contem nas suas margens e está hoje espalhada por toda a parte, até mesmo onde não pensariamos encontral-a. Assim nós podemos citar nas poesias contemporaneas muitas paginas esparsas, encantadoras e reaes, duma simplicidade quase antiga.

*

**

Vamos agora ver, minhas senhoras, meus senhores, como as arvores (para não falar aqui senão dellas) têm impressionado a sensibilidade creadora dos poetas e são por elles cantadas nos seus poemas. Tomarei de preferencia os meus exemplos entre os poetas francezes, portuguezes e brasileiros, cuja litteratura nos é mais familiar e apresenta, além disso, com uma lingua irmã, tendências semelhantes.

O numero de produções poeticas em que se cantam as arvores é immenso: raro é o poeta que não tenha sido attrahido por esse thema realmente suggestivo. A inspiração e o ryth-

mo crearam mesmo, em alguns delles, verdadeiros primores. E a variedade dos motivos, dentro desse grande motivo, é surprehendente. Uns cantam o verdor, a juventude, a belleza das arvores; outros lhes celebram a majestade, a força, a duração; ainda outros, a sua velhice e morte. Ha os que cantam as arvores espiritualizadas por uma alma igual á sua e as chamam irmãs; os que aprendem ahi a lição da luta pela vida, que, menos clara nellas, é mais commovedora, e são então as suas mestras. As arvores ensinam como ellas se occultam, se encolhem, reagem e lutam contra o inimigo que lhes é preciso evitar, enganar ou vencer. Ha ainda os poetas que cantam e louvam as arvores pelas flores e pelos fructos; pela copa que nos dá sombra; pela fronde que rumoreja; pelos ramos onde poisam e chilream os passaros. As arvores são assim um pretexto para celebrar a natureza; o poeta não as pode conceber isoladas do resto da paisagem. E o poeta que canta e que pensa ao mesmo tempo — o poeta philosopho, esse, vê as arvores com olhos differentes: vê-as, atravez das suas preocupações, como uma particula do grande todo, onde ha a mesma vida e reside o mesmo mysterio; onde existe uma interrogação sempre a fazer. Assim, o autor d'Os Simples:

Castanheiro morto! que é da vida estranha
que no ovario exiguo d'uma flor nasceu,
e criou raizes, e se fez tamanha
que tresentos annos sobre uma montanha
seus tresentos braços de colosso ergueu?!

Onde a alma, origem dessas formas bellas?
Em tão varias formas que sonhou dizer?
Qual a idéa, ó alma, convertida nellas
E desfeito o encanto, que nos não revelas,
que apparencias novas tomará teu ser?

Ou então, deante do mesmo castanheiro a arder, em torno ao qual se reúne a familia aldeã, a visão do poeta, ora é retrospectiva e como que lhe resurgem, ao derredor d'elle, os bailados nas noites de luar, e as crianças a se lhe treparem ainda aos "braços todos verdejantes": ora ella é mais interior e cheia de reconhecimento: é a visão de amor á arvore bem faseja, que deu tudo em vida e que ao morrer, clarea, como uma lampada, os serões dos pobres.

Em casal de serras arde o castanheiro,
lampada de pobres a fazer serão;
de redor no grande, festival braseiro,
a velhinha, o velho, o lavrador trigueiro,
a mulher, os filhos, o bichano e o cão.

Mas ainda ahi — nesse espectáculo mesmo
— se vê a inquietação do philosopho:

E no lar as brasas simultaneamente
dizem para o anjo: — tudo é oiro ardente...
Dizem para o velho: — tudo é cinza e pó!

Entre as differentes arvores, como nos ha-rens, existem tambem as favoritas. Bem raro é o poeta que não tenha tido a sua predilecção por uma dellas. Dá-se então entre a arvore e o

poeta uma como affinidade mysteriosa que os liga em tudo: na ventura, como na infelicidade; na vida e na morte. O salgueiro de Musset, por ser muito conhecido, não tira aos versos do grande poeta o seu encanto. O que nos vem assim mostrar que não é só na sua apparente novidade que está a belleza das coisas. Ha coisas velhas, que, quanto mais velhas, maior emoção esthetica nos suscitam. Pode ser uma arvore, um templo, ou uma canção. O que é mister, é que ella tenha tambem uma alma que corresponda á nossa: a alma não envelhece. Musset desejava dormir o ultimo sono á sombra da folhagem "pallida e lacrimosa" de um salgueiro, que elle pedia aos amigos lhe plantassem no cemiterio. Um pouco antes d'elle, já Briseux, este melancolico poeta de um scepticismo tão doloroso, alma mystica de bre-tão em quem a arte teria talvez tomado o lugar do ideal religioso, queria que lhe puzessem á beira do tumulo, não um salgueiro, mas uma azinheira — azinheira sombria — onde o rouxinol triste viria suspirar pelo poeta.

Vous mettez sur ma tombe un chêne, un
chêne sombre,
et le rossignol noir soupirera dans l'ombre:
"C'est un barde qu' ici la mort vient d'en-
fermer,
il chautait sou pays et le faisait aimer."

A azinheira é tambem a arvore que o poeta portuguez Antonio Sardinha "bem diz e louva", em uma ode admiravel, de que vos vou ler algumas estrophes:

O' azinheira, ó arvore da Raça.
 eu te bemdigo e louvo,
 assim suspensa, na tardinha baça,
 sobre o escampado côvo.

O matto é grande... El' grande, negro e rude.
 Lembra uma cathedral com muitas naves.
 De braços hirtos, mystica attitude,
 por quem resais, ó azinheiras graves?

O' azinheira, ó minha avó antiga,
 ó filha de Antre Tejo — e — Guadiana,
 não sei que magua intima nos liga,
 — Não sei que magua funda nos irmana!

Vem de raiz o nosso parentesco,
 ó lenho, que embalaste a Portugal!
 Mas, que tortura estranha, que ar dantesco,
 te envolve d'um mysterio sem igual?

E as azinheiras crescem, pensativas;
 crescem, musgosas; crescem, tutelares...
 de braços contorcidos em ogivas,
 tomam ás vezes a feição de altares.

E evoco os velho deuses lusitanos,
 — palpitação grosseira já de Deus..
 (Troncos tão fortes, com mais força e annos,
 não ha, ó azinheira, como os teus!)

.....
 Não és debalde a arvore da Raça
 Tu viste-la crescer, deitar raizes...
 Como eu me fico na tardinha baça,
 ó azinheira, a ouvir o que me dizes!

Pierre Gamo celebra a oliveira — esse presente dos deuses, symbolo da sabedoria e da paz, que o vento nas manhãs claras enche de murmurinhos; e que nos dá o fructo donde se extrae o oleo doirado e virgem que acalma a dôr das feridas; ella, como o poeta, é tambem o rebento de antepassados que não têm o estigma estrangeiro e são cheios de prudencia.

L'Olivier

Jeune olivier, présent de Pallas aux yeux
bleus,
devant cette colline aux courbes élégantes,
vous semblez figurer la sagesse charmante
et la subtilité des Grecs ingénieux.

Le vent des clairs matins vous remplit de mur-
mures,
l'odeur saine du sel marin et du miel frais
vous caresse, olivier, symbole de la paix,
et l'azur magnifique habite vos parures.

Votre fruit nous apporte á la fin du beau
temps
l'hulle d'or, l'huile vierge aux vertus souve-
raines,
qui calme le tourment des blessures humaines
et donne la souplesse aux corps éblouissants.

Cependant vous marquez de votre ombre légère
l'envol de ma jeunesse aux jours harmonieux;
mais je suis, comme vous, fils de sages aieux,
vivace, et préservé de souillure étrangère.

O vidoeiro é a arvore preferida de Adolphe Rétté, o poeta das "Lumières tranquilles", — esse preraphaelita converso em bôa hora ao culto da natureza em suas manifestações eternas de esplendor e energia; á poesia dinamica do sol, do mar, do vento, das forças vivas do Universo. Os homens o haviam illudido; e é á natureza que elle vem pedir o reconforto de que tanto tem necessidade. As arvores lhe ensinaram a ser ajuizado. A vida não é mais do que um tecido de illusões. Para elle, agora, nenhuma illusão vale as que lhe proporcionam suas "mães as arvores". — "Se eu tivesse de conhecer uma outra existencia, diz elle, quereia que fosse sob a forma d'um vidoeiro. Entre as arvores, é a minha mais querida. A graça esbelta de seu tronco, as palavras eolias que diz baixinho a sua folhagem me parecem exceder as proporções humanas mais elegantes e os discursos mais eloquentes." — As arvores o alegam; ellas são o adorno da terra. Elle as ama por isso e porque murmuram docemente.

Aimons les arbres qui nous aiment,
unissons notre voix á leur voix fraternelle
répétons avec eux les strophes d'un poéme
ou chantera la vie universelle.

Que le rythme profond des forets nous enleve,
que toute essence nous accueille,
que notre coeur batte selon les réves,
que notre áme se fonde eu l'océan des feuilles.

A condessa de Noailles nos lembra em um

dos seus poemas o platano: — ao pé da arvore, toda enleada nas sombras tremulas da folhagem, como em um harem bamboante e leve, ella apparece tal uma “captiva, ardente e languida sultana”. Aqui, como aliás em todas ou quase todas as poetisas modernas, a natureza é apenas um pretexto para pôr em relevo a graça ou a formosura da autora dos versos. A arvore é como o quadro predestinado a fazer realçar o retrato que está dentro d'elle.

Un arbre est près de moi, les ombres du feuillage
se balancent, et font un noir et mol grillage
sur mes bras engourdis, sur ma bouche et mes yeux;
c'est un harem mouvant, léger, délicieux!
Je suis, rayée ainsi par l'ombre du platane,
une captive, ardente et languide sultane.

E' a evocação d'uma hora deliciosa em uma paisagem mobil, que lhe dá o motivo para celebrar a forma encantadora de seu corpo, o valor particular do que ella ahí experimenta. O que Mme. de Noailles nos canta em seu entrelaçamento com a arvore, é o seu goso mesmo; é a sua sensação. E sensação — não outra coisa — eis o que as poetisas pedem á natureza. Nenhum desinteresse, nenhuma objectividade; um perpetuo enleamento de si propria com a natureza; uma forma constante de se comparar ás coisas e emprestar a estas suas mesmas faculdades, seus pessoaes desejos. Tal a poesia de Mme. de Noailles — sem duvida a maior das poetisas francezas em nossos dias. E tal tambem a de todas as poe-

zas contemporaneas — pagãs como ella — que cantam a natureza. E nisso está, precisamente, o traço que distingue a poesia feminina da arte ou da maneira poetica dos homens. A arte destes é objectiva. Isolado, por assim dizer, da natureza, o homem a vê de fóra, elle a pinta, a descreve, a analysa. Isso lhe está no proprio temperamento, é nelle uma necessidade — necessidade de tudo explicar e comprehender. A razão, aqui, é que tem o commando. Na mulher dá-se o contrario. O seu temperamento é outro. Ella não analysa, não explica e não precisa comprehender. Basta-lhe somente o instincto; contenta-se com o sentir.

Todavia, que differença do sentir de Mme. de Noailles, deste seu pantheismo todo cheio de volupia, para a expressão poetica — tão impregnada do mais puro mysticismo — da nossa poetisa Auta de Souza! Vede o trecho onde ella recorda em seu “Caminho do Sertão” as juremas, ao anoitecer, floreado e perfumando o céu claro da varzea natal:

Ao longe, a lua vem dourando a treva...
Thuribulo immenso para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flor.

Varios poetas brasileiros têm cantado, ora as arvores, ora, tambem, a sua arvore de predilecção. Não sahindo mesmo da região do Nordeste, onde o numero de poetas é talvez igual ao das arvores dignas de inspiral-os, nós já teriamos ahi muitos nomes e poderiamos citar alguns d’elles. Faria Neves Sobrinho e França Pereira cantaram o coqueiro; Raul Machado, o pau d’arco; Julio Bello, o inga-

zeiro. N'este ultimo, é bem a natureza nordestina, ou antes, é a paysagem da sua terra natal que lhe dá inspiração. O poeta offerece os seus versos á velha arvore da infancia, ao ingazeiro, que revive em gomos e flores á margem do rio no "humus creador" da mussununga.

As arvores cahiram: o ingazeiro
que os galhos bipartia sobre o rio
e depois se elevava sobranceiro
na linha da corrente
que n'um abraço de dez lustros
se ligava ao cuité nascido rente
e na negra mussununga
do rio avaro a seiva hauria,
matou o cuitézeiro
e depois no Persinunga
minadas pela enchente
as avidas raizes
cahiu tambem um dia.

Augusto dos Anjos evoca a ampla sombra do tamarindo, que elle quer que se misture á sua propria sombra, após a morte, quando elle houver voltado já á "patria da homogeneidade". Todos sabem como a inspiração d'esse nosso grande poeta é saturada de uma concepção philosophica á luz da qual tudo é no mundo inane e horrivel. Mas o poeta quer não obstante que as suas recordações fiquem vivendo eternamente nos seus versos. Assim elle relembra o tamarindo que lhe dera abrigo outr'ora e que, por sua vez, guarda comsigo a historia do nosso mundo vegetal.

DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pae, sob estes galhos,
como uma vela funebre de cera,
chorei bilhões de vezes com a canceira,
de inexorabilissimos trabalhos!

Hoje, esta arvore de amplos agasalhos,
guarda, como uma caixa funeraria,
o passado da flora brasileira,
e a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
de minha vida, e a voz dos necrologios
gritar nos noticiarios que eu morri,

voltando á patria da homogeneidade,
abraçada com a propria Eternidade,
a minha sombra ha de ficar aqui!

A derrubada, ou a destruição por qualquer forma das arvores tem suscitado na produção poetica de todos os tempos, ora gritos de indignação, ora palavras de protesto, ou surdas vozes de lamento. Os dendroclastas — profanadores do bosque sagrado que dá sombra ao viajor e agasalho aos passaros, e em cujo seio, como n'uma alcova mysteriosa, se consummam as nupcias renovadoras da seiva, mereceram sempre a maldição de todos os poetas. Ninguém lhes pode perdoar, nem a inesthesia, nem o damno; nada justifica a sua atrocidade.

Um delicado poeta francez do seculo 18, que morreu bem moço, Myllevoye, um classico entre os românticos e um romântico entre os

classicos como lhe chamaram, e de quem Sainte Boeue dizia que elle tinha sobretudo — “ouvido e alma” —, Millevoye escreveu o seu “Le bois detruit”, onde elle convida as Nymphas e os Amores a chorarem o desaparecimento do arvoredo que os escondeu pela ultima vez; d’onde elle não poderá mais ouvir o vôo alegre dos pardaes sob os verdes renques; e nem virão reencontrar ahi os namorados o seu ninho de costume. Ha um deus que preside aos campos, diz elle, deus dos vergeis, dos bosques, dos oiteiros; elle protege a flor que nasce, o caule tenro; elle manda as brisas do matto balançarem os berços placidos na frescura da folhagem movel. Elle não quer que as pastoras esmaguem sob os pés os lyrios do valle e nem o aquilão muito frio amarelleça antes de tempo as plantas. Esse deus ha de punir um dia o destruidor feroz das pobres arvores:

Malheur á toi, destructeur inhumain,
d’un dieu vengeur sur toi pese la main.

Não menos expressiva, nem menos impetuosa, é a indignação de Victor de Laprade cantando no seu poema “La Mort d’un Chêne” a queda do rei da floresta — composição grandiloqua por onde perpassa, atravez dos alexandrinos longos d’esse poeta catholico, um forte sopro ainda de pantheismo. Um homem começou a golpear com o seu machado a arvore — um carvalho, o primeiro talvez que teria brotado do seio fecundo da “grande mãe dos deuses”; ella lhe havia abeberado as veias com o melhor de sua seiva, e lhe alcatifara os pés

com um tapete de musgo, onde abrolhavam na primavera a pervinca fresca e a odorifera violeta. Dera-lhe tambem uma familia immensa; abelhas, passaros, reptil, insecto; e tudo se nutria e achava abrigo em seu seio. A arvore cahiu; e todo esse povo sonoro se dispersou; mil seres com ella cahiram ao mesmo tempo anniquilados; em seu logar, no azul, voejam só ainda algumas pobres aves que procuram os seus filhos. E quando ella cahiu, a floresta toda encheu-se de terror, de imprecações, de gemidos surdos, de soluços. A agua triste hesitou na amphora das nascentes; tremeram os montes; e o septentrião levou para as gargantas longinquas o echo dos seus grandes suspiros. E o poeta diz então á arvore que se despeça da primavera, dos ninhos de amor que povoavam os seus ramos, da felicidade de reviver. Ella irá tornar-se cinza e fumo. Mas, nada subsistirá da arvore morta? E para onde irá o seu espirito? Como quer que seja, elle a bemdiz, no emtanto, pelo divino ocio que gozou ao seu pé. Seu amor pela floresta é fraternal: poeta, vestido de sombra e na paz sonhando, elle tem, como as arvores, a vida triste e calma; como ellas, elle ergue alto a cabeça, e canta ao menor sopro do vento.

Dis ádieu, pauvre chêne, au printemps qui t'enivre.

Hier, il t'a paré de fenillages nouveaux;
tu ne sentiras plus ce bonheur de revivre.
Adieu les nids d'amour que peuplaient tes rameaux.

Adieu les noirs essaims bourdonnant sur tes
branches,
le frisson de la feuille aux caresses du vent,
adieu les frais tapis de mousse et de pervenches
où le bruit des baisers t'a réjoui souvent.

O' chêne, je comprends ta puissante agonie!
Dans sa paix, dans sa force, il est dur de
mourir;
à voir crouler ta tête, au printemps rajeunie,
je devine, ó geant! ce que tu dois souffrir.

Ainsi jusqu'à á tes pieds l'homme t'a fait des-
cendre;
son fer a dépecé les rameaux et le tronc;
cet être harmonieux sera fumée et cendre,
et la terre et le vent se le partageront!

Bulhão Pato, o poeta do "Livro do Monte", o Virgilio portuguez, nos diz nas suas Georgicas a historia de um pinheiro bravo, que nascera um dia do embryão solto do bico de uma ave; e cresceu, e frondejou no alto da collina a pique sobre o mar; e resistiu, esbelto e forte, aos furacões. Elle lhe havia dado grata sombra na mocidade, em dias estivaes, e no inverno, a sua ramaria o abrigou dos granisos. Vira-o depois, rangendo ao gume que lhe cortara o tronco, cahir: e lhe ouvira então o baque, como se fora o estrondo de um caixão dentro de uma cova. Das escarpas até ao oceano rolou o "funebre ruido": — era o suspiro ultimo que mandava ao mar o seu companheiro.

Hontem, quando subia o serro alcantilado,
ouvi soar, ao perto, uns golpes de machado...

Chego, e vejo o tranqueiro a jogar-lhe á raiz
o ferro dendroclasta! A coma do infeliz
entrou a vacillar, e rangia-lhe o tronco
por um fio agarrado inda ao penedo bronco!

Mais um golpe... Baqueou! Julguei ouvir en-
tão
cair em cova enorme um enorme caixão!

Dos vãos da rocha alpestre o funebre ruido
rolou até ao mar,, e acabou n'um gemido!
Pouco antes de morrer, ao mar, sem compa-
nheiro
mandava-lhe um suspiro o colossal pinheiro!

Do nosso immortal poeta Castro Alves quem não conhece — A Queimada — essa candente poesia em que elle nos mostra a floresta rugindo e luctando com o incendio — “leão rui-vo, ensanguentado”; — os cedros a tombarem na fornalha, retorcendo os braços para Deus?

No poema “A arvore” de Alberto de Oliveira, o espectáculo é differente: é o excidio, a morte pela arma assassina, o crime. A arvore antiga, sob cuja abobada o selvagem saudara o nascer do sol; que o raio não poudo abater; bella, ubere, forte, alegrando com o seu sorriso a paisagem e alimentando com a sua seiva outros seres, — essa arvore, um dia veiu um homem com um machado na mão e a derrubou. E com ella, ao mesmo tempo, tudo desapare-

ceu. O poeta pede então ás nossas florestas que
lhe costurem um sudario florido e luminoso.

A grande arvore cae! Com os ramos seus ro-
bustos
ide envoltos na queda, ó vós que a amaes, ar-
bustos;
segui-a ao somno extremo, ó corvos, vós que a
amaes!
Ouvi! cede-lhe o cerne ao ferro que o retalha...
Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,
florestas tropicaes!

E emfim, para não dar a esta palestra uma
extensão que ella não deve ter, permitti-me,
— “si parva licet componere magnis” —, se
crime não for collocar coisas pequenas ao lado
das grandes de que venho falando, permitti-me
que eu vos cite por ultimo os versos sobre uns
sapotizeiros, que o machado cortou e eu vi mor-
rer n'um dia triste, uns sapotizeiros que me
davam sombra e luz na cortina movel da fron-
de e harmonia e frescor na voz dos ramos or-
valhados, e dos quaes não resta hõje senão a
lembrança. Deixae que eu vos leia aqui estes
pobres versos, sob o titulo

OS SAPOTISEIROS TRUCIDADOS

Ao gume do machado
a cortar, a cortar,
como esfaimado,
n'uma fome bravia,
e, n'um furor malvado,

a abrir em cada galho uma ferida,
quem terá visto acaso n'algun dia
uma arvore tombar;
e na lenta e na languida agonia
da seiva — em breve ao poucos exaurida —
ao gume fratricida,
assim findar?!

Que a arvore é nossa irmã:
— da mesma essencia
d'onde a humana existencia,
e tudo, se origina.
Se ella não tem, de facto, como a gente,
essa apparencia,
se na forma exterior lhe é differente,
que importa! a forma é vã:
a essencia é que é divina,
e anima aos seres todos irmãmente.
A arvore só não é a nós igual,
porque não faz o mal.

E eu vi no entanto, em certo asiago dia,
quatro sapatiseiros,
amigos meus,
meus velhos companheiros
na festa matinal,
com que a vida na terra principia,
e é um dom de Deus,
cederem todos elles, um a um,
n'esse dia fatal,
ao destino commum;
e ao golpe do machado,
um por um ser sem pena trucidado,

Porque matar uma arvore?! Ella é flor;
ella é fructo; é ramagem;
perfume, sombra, amor.
Homem, como és selvagem
que por ti mesmo d'esses bens te privas,
e, por mero prazer
de um mal fazer,
ceifas creaturas vivas;
roubas a vida a um ser,
que é tua imagem;
que se nutre, e respira, e gera, e sente,
e tem talvez uma alma na semente!

Vinham cantar outr'ora os bem-te-vis
nos verdes galhos
cheios de sapotis
e dos orvalhos
da rorida manhã.
E na alvorada musical, louçã,
na festiva alegria,
estremecia
a velha fronde. Uma indiscreta aragem
repetia nas folhas a mensagem,
que segredava a medo
a alma mãe do arvoredos

Viveram juntamente
um seculo, talvez,
alinhados, formando uma só fila,
e tombam igualmente,
todos, de uma só vez.
Na placidez tranquillã
de certas tardes mornas de verão,
sem vento a baloiçar, vendo-os então,
assim parados,

e socegados,
com a sua enorme copa verde-escura,
dir-se-ia uma pintura.

E eil-os agora ao chão:
destroncada a ramagem
e os troncos decepados,
n'uma expressão
de dor, de ruina, de tristeza e luto.
Fogem os passaros amedrontados
sem ter onde poisar,
e nem cantar!
Silencio. A alma affectuosa da folhagem
não mais volveu.
Nem flor, sombra, nem fructo.
A paisagem mudou. Tudo morreu.

Assim, ha um como prazer dionysiaco em
cantar as arvores, mesmo quando ellas desap-
parecem. Virgilio excede n'isso a todos os
poetas. Dir-se-ia que ellas o enchem de uma se-
rena embriaguez. São tão lindas as arvores!
Sua força e grandeza nos impõem um senti-
mento de veneração. Commove a sua graça.
Ellas têm gestos de quem protege, attitudes al-
tivas ou melancolicas, côres suaves ou resplen-
dentes, riscs luminosos e rumorejos como os
das ondas, penumbras cheias de mysterio; têm
architecturas magnificas e leves, abobadas de
folhagem que semelham noites estrelladas.
Sem ellas, seria a terra um cadaver. Quanta
vida em sua apparente immobilidade! Que
presteza nos grandes esforços para respirarem
o sol e beberem o orvalho do céu! Porque têm,
tambem ellas, rudes concurrencias que susten-

tar e combates invisíveis em que ellas disputam silenciosamente os succos que absorvem na profundidade da terra. “As arvores, dizia Plinio, foram os primeiros templos. As imagens dos deuses, mesmo brilhantes de marfim e d’ouro, não nos inspiram mais a devoção que os bosques sagrados e o seu silencio”. Virgilio foi sem duvida o poeta que mais profundamente sentiu o encanto e a belleza das arvores. Elle a todas amou, o flexível vime, a giesta macia, o “salgueiro alvejante em sua fronde verde”, o alamo, cujas folhas coroaram a fronte d’Hercules, o carvalho que alteia a cabeça até ao céu e mergulha as raizes até ao Tartaro. Amemos tambem como Virgilio as arvores todas, a mangueira velha e maternal, carregada de fructos, o mulungú de flores escarlates, a baraúna alta e frondosa, a imburana balsamica, as arvores humildes e as soberbas, as que nos dão seus fructos e as que não nos dão senão sua folhagem, sua sombra ou seu perfume.

A arvore não é somente a inspiradora; é tambem a amiga; a confidente; o ultimo refugio. Vem um tempo, uma epoca de vida, em que é o unico amor: os cantos já se não dirigem á mulher, mas a ella. Arqueia os braços para nos dar sombra; ou toma uma forma imprecisa e os crisa — os seus braços de sonho — para o infinito. Diz-nos baixinho a sua alegria em suspiros ternos, e em gemidos altos a sua afflicção. Fala-nos do seu amor, dos beijos do sol, da floração vernal, dos seus primeiros fructos, das suas ultimas folhas... A’s vezes, em silencio, immovel, é ella que nos ouve. Contamos-lhe a ancia eterna do homem, ou lhe

confiamos a sua inanidade. A arvore nos escuta: ella conhece bem essa voz. A sombra de nossos antepassados se confundiu com a sua. Ella nos ha de sobreviver e ouvil-a ainda dos nossos filhos. São sem duvida longinquas vozes as que retêm os murmúrios vagos da arvore, no fim do dia. Tambem ella, como nós, envelhece e succumbe. Morta, irá porém servir de novo aos homens. Será a porta, ou será a cumieira; o berço; a mesa em que o labor familiar reencontra o seu animo e a sua força; a cama nupcial; o nosso leito de morte. E quando por nossa vez. houvermos deixado a luz, suas taboas — doce esquite — receberão o nosso corpo. Com ella nós iremos repouisar debaixo da terra, e “estaremos, na sombra, com sua sombra ainda”.

ODILON NESTOR.
